

José de Mesquita
Da Academia Matogrossense de Letras

LIVROS DE MINHA ESTANTE

Crônica

Texto publicado em:

1 - A Cruz, órgão da Liga Social Católica Brasileira de Mato Grosso (depois outros subtítulos). Cuiabá, n.1.407, 10 de outubro de 1939, p.2.

2 - Machado de Assis em Mato Grosso - Textos críticos da primeira metade do século XX, Yasmin Jamil Nadaf. - Rio de Janeiro, Lidador, 2006.

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

LIVROS DE MINHA ESTANTE

JOSÉ DE MESQUITA

Machado de Assis é e será sempre um tema interessante e inesgotável nas letras nacionais. O transcorrer do primeiro século sobre o seu nascimento veio, há pouco, determinar um verdadeiro abrolhamento de estudos machadianos, confirmativo do que aí fica dito e, sobretudo, de molde a reafirmar os altos méritos dessa grande e isolada figura de nossa paisagem literária. Porque o autor de *Dom Casmurro* é assim como aquela "velha palmeira solitária" de Afonso Arinos, erguendo-se, ereta e altiva, no meio da planície, onde, de raro em raro, uma outra árvore consegue elevar até junto dela a sua copa. Tudo nele é singular e é dele — bem dele e só dele. Não se conseguirá jamais ser machadiano completo, porque perfeito machadiano só houve, somente pode haver um — é Machado de Assis. Por isso os seus críticos e os ensaístas que andam a borboletear em torno à sua obra — melissugos enamorados de tão farta colméia — abordando os mais variados aspectos do seu espírito, não no esgotarão jamais. Ainda agora o meu amigo e confrade professor Cândido Jucá (filho), nome dos mais acatados pelo seu saber e pelo seu talento, acaba de escrever para o 2º Congresso das Academias de Letras e de Intelectuais, ultimamente levado a efeito no Rio, uma tese versando arestas curiosíssimas da obra do grande escritor, com o título "O pensamento e a expressão em Machado de Assis", de que me honrou com a oferta gentil de um volume, acompanhado de amável dedicatória. Cândido Jucá

(filho) é, na Academia Carioca de Letras, onde ocupa a Cadeira n.1, patrocinada por Antonio José da Silva, uma das figuras mais marcantes, como autoridade em assuntos filológicos. Não se suponha, porém, como acontece, por vezes, que Jucá pertença ao número daqueles teóricos que, conhecendo bem as regras do bem escrever, não as aplicam no manuseio corrente da língua. Este livro — se outros já não o houvessem feito, como tive ensejo de frisar em apreciação bibliográfica publicada em 1936 nesta mesma folha — bastaria para exuberante prova de que o lingüista erudito e o prosador insigne se dão mãos e se casam admiravelmente no autor de *O crepúsculo de satanás*.

Trata-se, de resto, de um ensaio de estilística. Justamente na fronteira entre a gramática e a literatura é que se situa o estudo a que nos referimos neste rodapé. E Jucá nos prende, nos absorve a atenção, nos encanta, positivamente, a alma, ao desenvolver, com segura maestria e em forma escorreita e clara, a sua monografia machadiana.

O estilo do Mestre inigualável é analisado proficientemente, desde a influência garretiana e o preciosismo indígena — duas fontes opostas que confluíram para formar a límpida corrente — até o espírito e o ritmo, que formam a sua original e quase clássica beleza.

Machado de Assis, tem neste ensaio de perto de duzentas páginas, que consegue ser substancioso e leve ao mesmo tempo, a mais bela consagração do seu verdadeiro gênio literário.

E Cândido Jucá (filho) com este valiosíssimo trabalho vem se arrolar entre os melhores machadianos, pois o que se conclui, ao fim da leitura do seu ensaio, é que, raramente, dificilmente alguém terá penetrado tão a fundo e com tanta perícia de sábio e de artista a obra extraordinária e sempre flagrante da vida do grande

PRIMEIRA MISSA

criador de *Flora* e de *Natividade*, de quem, com razão e pleno conhecimento de causa diz, ao encerrar, com áurea chave o seu estudo: "A verdade é que só um escritor da têmpera de Machado de Assis alcançava entender-se e fazer-se entendido neste pego de contradições, que é a alma humana. Neste assunto, ninguém pode ainda, na língua portuguesa, ser ao mesmo tempo tão claro, tão profundo, e verdadeiro."